



# ENTREVISTA COM KANAVILLIL RAJAGOPALAN

## INTERVIEW WITH KANAVILLIL RAJAGOPALAN

Rogério Casanovas TÍLIO<sup>1</sup>

Kanavillil RAJAGOPALAN é Professor Titular (aposentado-colaborador) na área de Semântica e Pragmática das Línguas Naturais da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e pesquisador 1-A do Cnpq. Participa em programas de pós-graduação na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e da Universidade Federal de Tocantins (UFT – Campus de Porto Nacional). Ele nasceu na Índia, onde obteve B.A. em Literatura Inglesa (Universidade de Kerala), M.A. em Literatura Inglesa (Universidade de Delhi) e M.A. em Lingüística (Universidade de Delhi). Fez Diploma em Lingüística Aplicada na Universidade de Edimburgo, Escócia. É Doutor em Lingüística Aplicada (PUC-SP) e Pós-Doutor em Filosofia da Linguagem (Universidade da Califórnia, Berkeley, EUA). Já publicou 6 livros: *Por uma Lingüística Crítica* (Parábola, 2003); *A Lingüística que nos faz falhar* (em parceria, Parábola, 2004); *Políticas em Linguagem: Perspectivas identitárias* (em parceria, Editora da Mackenzie, 2005); *Applied Linguistics in Latin America* (John Benjamins, 2006); *Nova Pragmática: fases e feições de um fazer* (Parábola, 2010); *Um mapa da crítica nos estudos da Linguagem e do Discurso* (em parceria, Editora Pontes, 2016); e colaborou com Yves Lacoste na publicação da edição brasileira do livro *A geopolítica do Inglês* (Parábola, 2005). Publicou mais de 550 textos (artigos em revistas nacionais e internacionais, resenhas, resumos, capítulos de livros, prefácios, apresentações e textos em anais de congressos). Desde 1996, atua como um dos editores da revista DELTA. Em 2015, foi nomeado um

---

<sup>1</sup> Professor Associado de Língua Inglesa e Coordenador de Graduação dos cursos de Letras Anglo-germânicas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), onde também atua no Programa Interdisciplinar de Pós-graduação em Lingüística Aplicada. E-mail: rogeriotilio@gmail.com.

dos editores da revista WORD (Nova Iorque) Em dezembro de 2006, recebeu o Prêmio de Reconhecimento Acadêmico “Zeferino Vaz”.

**Rogério Tilio (RT):** Rajan, em primeiro lugar, quero te dizer que é uma honra poder fazer essa entrevista com você. Conheci você há quase 20 anos, enquanto ainda estava no mestrado, e sua simplicidade, humildade e generosidade acadêmicas conquistaram não apenas a minha admiração, mas também a dos meus colegas. Como eu fazia mestrado em Linguística Aplicada, e todos os seus textos que eu havia lido dialogavam com a Linguística Aplicada que eu conhecia, assumi de imediato que você era um linguista aplicado. Para minha surpresa, fiquei sabendo posteriormente que você era do Departamento de Linguística (talvez essa surpresa seja pelo fato de na minha universidade, onde eu fazia mestrado e hoje trabalho, haver um Departamento de Linguística e outro de Linguística Aplicada, distintos). Como você se identifica: linguista ou linguista aplicado? Como você identifica as suas pesquisas?

**Kanavillil Rajagopalan (KR):** Olha, isso nunca foi uma preocupação minha. Essa coisa de zelar pelas disciplinas não passa de coisa inútil, uma briga de latifundiários! O que importa é que me interesse pela linguagem. Não como algo em si e por si só, como se diz que queria Saussure. Mas linguagem como porta de entrada para se pensar uma série de coisas, dentre as quais a condição humana. Quando me colocam contra a parede para me definir, ou como linguista, ou como linguista aplicado, costumo responder que não me considero nem um nem outro. Prefiro me considerar um linguista COMplicado!

**RT:** Entendo. E concordo com você que essa disputa às vezes chega a ser ridícula. Mas se eu te pedir para (tentar) diferenciá-las (ou aproximá-las), você ficaria muito zangado comigo?

**KR:** De forma alguma. Eu sempre acreditei que o nosso trabalho deve se redundar em alguma coisa concreta, de utilidade para os nossos pares – e, por que não, para o público de forma geral (razão pela qual faço questão de escrever meus textos em linguagem acessível a todos, sem tecnicismos e outros vícios do discurso acadêmico). Reflexão teórica sem um fim específico, sem quaisquer propósitos, sempre me pareceu uma perda de tempo. Isso se torna ainda mais grave em sociedades como a nossa, onde há problemas sérios clamando por soluções urgentes.

● ● ●

**RT:** Em algum momento o “descompasso” entre a sua lotação institucional e a natureza das suas pesquisas foi motivo de algum tipo de conflito?

**KR:** De certa forma, sim. Algumas pessoas entendem que um acadêmico tem o dever de sempre enaltecer a disciplina em que atua (ou com a qual a comunidade acadêmica o associa) e defendê-la contra quaisquer críticas que possam vir, não importando de onde elas partam. Para essas mesmas pessoas, as linhas divisórias que separam as disciplinas acadêmicas estão lá para sempre e devem ser respeitadas a qualquer custo, a despeito das crescentes demandas para interdisciplinaridade, transdisciplinaridade etc.

Para mim, ao contrário, as disciplinas acadêmicas são apenas áreas de abrigo temporário (e não latifúndios a serem constantemente vigiados e protegidos dos agressores e aventureiros externos). Nada impede que um pesquisador se sinta à vontade em transgredir suas cercas à procura de terrenos mais férteis e adequados a seus interesses no momento. A conduta de um acadêmico/pesquisador deve, a meu ver, ser guiada por um certo espírito de nomadismo.

**RT:** Algum tempo depois tomei conhecimento de um livro seu intitulado *Por uma linguística crítica* (São Paulo: Parábola, 2003). Como você define e distingue Linguística (Teórica), Linguística Aplicada e Linguística Crítica? Quais são suas interfaces e fronteiras?

**KR:** Os textos reunidos no volume *Por uma Linguística Crítica* foram todos inspirados na ideia de que essas linhas divisórias são puramente imaginárias e, no fundo, até danosas à livre investigação dos temas que clamam por análises críticas. Para mim, a *Linguística Crítica* é, antes de qualquer outra coisa, reflexão linguística direcionada à solução de problemas reais que afligem as nossas vidas cotidianas. Ao invés de nos contentarmos em apenas analisar os fenômenos, dissecá-los a contento, devemos nos esforçar para fazer algo a respeito. Ao afirmar isto, não estou dizendo nada além do que disse Karl Marx, na lápide de seu túmulo, no Cemitério Highgate, em Londres, onde se lê o seguinte: “[o]s filósofos só interpretaram o mundo; a questão é transformá-lo”. A única ressalva que faria é que Marx fez uma separação, a meu ver, radical em demasia, entre “interpretar” e “transformar”, talvez baseada na visão restrita do que a linguagem é capaz de fazer. Como adepto da Filosofia da Linguagem Ordinária, eu acredito que *falar* pode ser também encarado como um *fazer*. Eu me atreveria, portanto, a acrescentar que a interpretação também pode vir a



ter a função transformadora, como, aliás, a própria vida e os feitos de Marx comprovam cabalmente. Para isso, é preciso se munir das armas apropriadas, entre elas um olhar crítico e emancipador.

**RT:** A área da Linguística na qual você se insere é a Pragmática, certo? Como você relaciona a Pragmática com as áreas citadas?

**KR:** Nas minhas colocações acima, acabei de fornecer, acredito eu, uma pista para responder à sua pergunta. A Filosofia da Linguagem Ordinária é uma filosofia de ação, não apenas de reflexão. Ela parte da premissa de que o *homo loquens* é, pela sua simples habilidade que o distingue, um *homo faber* por excelência. Dentro dessa ótica, refletir sobre linguagem pode e deve ser entendido no sentido de fazer intervenções no mundo, com o intuito de consertar os males nele constatados, não demeramente observá-lo, de forma rigorosamente fiel à cartilha positivista, que prega o não envolvimento com o objeto de pesquisa, em nome da famigerada “neutralidade científica”.

**RT:** E quem você pode citar como os principais nomes da Filosofia da Linguagem Ordinária, à qual você se afilia? Quem são os seus preferidos e por quê?

**KR:** Sem dúvida, o falecido filósofo inglês J. L. Austin e os sem número de estudiosos que se inspiraram nele – entre os quais, notadamente, Judith Butler, para citar apenas uma de grande destaque nos últimos tempos. Conforme defendi em alguns trabalhos que já escrevi, esta última é, a meu ver, alguém que conseguiu captar o verdadeiro sentido e alcance da noção de performatividade que Austin formulou com tamanha argúcia.

**RT:** E a Nova Pragmática? Você publicou em 2010 o livro *Nova Pragmática: fases e feições de um fazer* (São Paulo: Parábola). O que é exatamente essa Nova Pragmática? O que ela tem de novo em relação à (velha?) Pragmática?

**KR:** Dito de forma curta e grossa, a Nova Pragmática é uma forma de redirecionar o pensar pragmático das amarras das velhas formas de conduzir as reflexões em torno da linguagem. A palavra *pragmata* em grego significa “coisas” e é utilizada



na linguagem coloquial como “troço” em português, ou seja, uma expressão que serve como “pau pra toda obra”. Em outras palavras, a Pragmática, para ficar fiel a sua raiz grega, deve se interessar pela forma como os usuários comuns conduzem suas vidas cotidianas e utilizam a linguagem para executar suas tarefas do dia-a-dia. Não faz o menor sentido, elevá-la a um patamar de sofisticação, matematizando-a, como muitos estudiosos querem fazer.

**RT:** Um tema que você já escreve e fala há algum tempo é sobre políticas linguísticas. Qual a(s) sua(s) definição(ões) para “políticas linguísticas”?

**KR:** Eu comecei a me interessar pelo assunto de “política linguística” há uns 20-25 anos. E, desde então, nunca deixei de me interessar pelo tema. Hoje, se alguém me pergunta sobre o que acho de política linguística como tema de pesquisa, eu respondo que ela engloba tudo sobre a linguagem; o próprio conceito da língua com o qual trabalhamos hoje é fruto da política linguística que está em voga, já faz bastante tempo. Ou seja, a política linguística não é algo a ser pensado depois de se fazer Linguística (no sentido familiar desse termo). Ela tampouco é um ramo ou subárea da Linguística. Pelo contrário, a forma como a ciência da Linguagem evoluiu ao longo dos séculos demonstra sinais claros dos efeitos da política linguística posta em prática em períodos específicos. Alguém pode ignorar os efeitos da política quando faz Linguística, mas isto jamais a livra das marcas da política linguística que subjazeu a forma da Linguística que está sendo posta em prática.

**RT:** Retomando a nossa discussão inicial sobre áreas dos Estudos da Linguagem, você considera que políticas linguísticas é uma questão do âmbito da Linguística, da Linguística Aplicada, ou da Política?

**KR:** A Política Linguística faz companhia à Política de Armas Nucleares, à Política de Planejamento Familiar, à Política de Agrotóxicos, à Política de Saúde Pública, à Política dos Direitos de LGBT e por aí vai. São todas atividades de cunho político, dirigidas a assuntos dos mais variados e díspares. O linguista não tem nenhum lugar de destaque em matéria de Política Linguística, da mesma forma que um físico nuclear não deve ter nenhum lugar de destaque em matéria de Política de Armas Nucleares. Quando se fala em políticas públicas, os protagonistas são os cidadãos, de forma geral, não importando o grau de conhecimento que cada



um possa ter a respeito do tema específico. Por este motivo, não tenho nenhuma dúvida em afirmar: a política linguística não tem nada a ver com Linguística, quer teórica, quer aplicada. A palavra “linguística” que consta do termo *política linguística* quer dizer apenas e tão somente “relativa à lingua(gem)” – não tem nenhuma relação com a disciplina que veio a ter o mesmo nome.

**RT:** Para terminar, gostaria que você falasse um pouco do estado da arte da Linguística Aplicada no Brasil e no mundo. Em 2017, minha colega Paula Szundy e eu, por meio da Associação de Linguística Aplicada do Brasil (ALAB), organizamos o 18º Congresso Mundial de Linguística Aplicada, em evento da Associação Internacional de Linguística Aplicada (AILA), em que me pareceu bastante clara uma distinção entre uma Linguística Aplicada transgressiva (PENYYCOOK, 2006) e INdisciplinar (MOITA LOPES, 2006) e uma Linguística Aplicada ainda bastante voltada para a aplicação de teorias linguísticas a situações de uso da língua em contextos situados. Como você, que tem vasta experiência em contextos internacionais, vê esse estado da arte da Linguística Aplicada no Brasil e no mundo?

**KR:** A Linguística Aplicada, tanto no Brasil como lá fora, já passou da fase de submissão à assim chamada “disciplina mãe”, a Linguística Teórica. Entretanto, vira e mexe, ainda se encontram alguns pesquisadores que não conseguem se desvencilhar completamente das preocupações originais do campo, dentre as quais a vocação para tocar o segundo violão *ad eternum*. Mas, da minha parte, não resta nenhuma dúvida de que a Linguística Aplicada já se encontra plenamente emancipada como um campo em sua plenitude, com sua *raison d’être* assegurada, suas próprias bases onto-epistemológicas e seus próprios critérios de cientificidade. E mais ainda, em muitos respeitos, nossos colegas pesquisadores brasileiros estão na vanguarda desse processo, não devendo nada a ninguém, a despeito do eurocentrismo indisfarçado de historiadores autointitulados, como Kees de Bot, que, em seu livro *History of Applied Linguistics: from 1980 to the present* (Oxford: Routledge, 2015), ignorou tudo o que acontece fora do hemisfério norte, como se, por aqui, nada acontecesse que fosse de interesse para o resto do mundo! (Veja a minha resenha deste livro, publicada na revista *Word*, 62.2. pp. 135-138, para maiores detalhes).

**RT:** Rajan, muitíssimo obrigado pela sua disponibilidade. Até a próxima!





## Referências

DE BOT, K. **History of Applied Linguistics: from 1980 to the present.** Oxford: Routledge, 2015.

MOITA LOPES, L. P. (Org.) **Por uma Linguística Aplicada INdisciplinar.** São Paulo: Parábola, 2006.

PENNYCOOK, A. Linguística Aplicada transgressiva. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.) **Por uma Linguística Aplicada INdisciplinar.** São Paulo: Parábola, 2006.

RAJAGOPALAN, K. A history of applied linguistics: From 1980 to the presente. *Word*, Vol. 62, n. 2, 2016, p. 135-138.

\_\_\_\_\_. **Nova Pragmática: fases e feições de um fazer.** São Paulo: Parábola, 2003

\_\_\_\_\_. **Por uma linguística crítica.** São Paulo: Parábola, 2003.